

DF - Saúde

Frejat diz que Hemocentro necessita de Cr\$ 4 bilhões

O Hemocentro de Brasília precisa de Cr\$ 4 bilhões para trocar seus equipamentos que estão obsoletos, caso contrário a coleta de sangue não poderá ser aumentada, comprometendo, assim, o estoque que já é considerado preocupante. A declaração é do secretário de Saúde do DF, Jofran Frejat, para quem, a recessão econômica, que o País atravessa, está causando o atraso do repasse desse recurso por parte do Ministério da Saúde.

Com os equipamentos que tem, o Hemocentro está produzindo albumina humana e outros derivados do sangue, trazendo, assim, uma economia anual para o Governo do Distrito Federal de cerca de um milhão de dólares. "Nossos técnicos, que trabalham com padrões internacionais, poderiam render muito mais se já estivessem utilizando equipamentos mais sofisticados", revelou Frejat.

Para Jofran Frejat, apesar do Hemocentro estar com um atraso de aproximadamente dez anos em relação aos centros mais avançados que tem seus bancos de sangue, o grau de segurança dessa proteína, coletada em Brasília é altamente confiável, sem riscos para quem a recebe. Segundo Jofran

Frejat, no Hemocentro, uma vez coletado, o sangue é testado e depois classificado. Principalmente nessa parte, diz ele, é que os técnicos encontram dificuldades, em consequência da escassez de recursos. É que o estoque dos produtos reagentes são comprados em quantidade que dura no máximo dois meses, "quando o ideal, seria mais 30 dias acima desse prazo". Por isso, acrescentou, a quantidade de coleta de sangue acaba ficando abaixo da necessária, porque não tem como trabalhar com esse material colhido que termina sendo anulado. "Atualmente, o Hemocentro não pode coletar mais sangue, porque não tem recursos para adquirir os reagentes", afirmou Frejat.

Aids

O sangue que passa pelo Hemocentro e chega aos hospitais para ser utilizado em pacientes, não tem qualquer risco de contaminação pelo vírus da Aids. A afirmação é de Jofran Frejat, que se mostrou preocupado com a disseminação dessa doença no Distrito Federal. Segundo ele, esse crescimento da Aids no DF é em decorrência do ato sexual e da troca de seringas. Para ele, as pessoas têm de mudar seus hábitos, principalmente evitar a troca

de parceiros sexuais.

De acordo com a diretora do Hemocentro, Maria de Fátima Britto Portella, a pessoa quando comparece a um dos bancos de sangue passa por uma entrevista médica, em busca de informações sobre se é oriunda de alguma área de risco de malária e cólera. Como também, se é homossexual. Agora, acrescentou a diretora, se nessa primeira fase não surgir qualquer suspeita sobre a boa qualidade do sangue, o "check-up" final é de responsabilidade dos testes de laboratórios. Caso fique comprovado o comprometimento do sangue por algum tipo de doença transmissível, o doador é chamado e passa a receber tratamento.

Segundo Fátima Portella, somente 5% do sangue coletado pelo Hemocentro, apresenta problemas de contaminação pela hepatite, chagas, sífilis e até mesmo pelo vírus da Aids. Essas dificuldades de recursos, que atualmente o Hemocentro enfrenta, poderá ser superado com a transformação do centro em fundação. Essa troca já pode ser feita, porque a Câmara Legislativa transformou o projeto do deputado Cláudio Monteiro, em lei, a qual já foi sancionada pelo governador Joaquim Roriz.